

MORGANA APARECIDA DE MATOS

**A CULTURA DIGITAL E O COTIDIANO ESCOLAR: A
ELABORAÇÃO DE TEXTOS EM INGLÊS E A UTILIZAÇÃO DE
RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA A AQUISIÇÃO DO
CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

FLORIANÓPOLIS

2016

Morgana Aparecida De Matos

**A CULTURA DIGITAL E O COTIDIANO ESCOLAR: A
ELABORAÇÃO DE TEXTOS EM INGLÊS E A UTILIZAÇÃO DE
RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA A AQUISIÇÃO DO
CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Monografia apresentada ao Programa de Especialização da
Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do
Grau de especialista em Educação na Cultura Digital.
Orientadora: Prof^a. Ma. Paula Balbis Garcia.

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Matos, Morgana Aparecida de
A CULTURA DIGITAL E O COTIDIANO ESCOLAR : A ELABORAÇÃO
DE TEXTOS EM INGLÊS E A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS
PARA A AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA /
Morgana Aparecida de Matos ; orientadora, Paula Balbis
Garcia - Florianópolis, SC, 2016.
40 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Curso de
Especialização em Educação na Cultura Digital.

Inclui referências

1. Cultura Digital. 3. Ensino de Língua Estrang. I. ,
Paula Balbis Garcia. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Especialização em Educação na Cultura Digital.
III. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria e Rogério, a minha irmã Sônia e aos meus sobrinhos que ao longo de toda minha vida sempre me apoiaram em meus projetos educacionais pessoais. A todos vocês, muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo este trabalho muitas foram as pessoas que me auxiliaram e me apoiaram. Os primeiros aos quais quero agradecer são os alunos. Sem eles nada disso teria sido possível e sua dedicação e empenho otimizaram todos os estudos aqui descritos.

Além dos alunos, meus agradecimentos também às colegas e amigas Aline Gonçalves e Jéssica Shiller por todo o trabalho desempenhado em conjunto, harmonia e amor ao logo de todo o curso.

Agradeço ainda a todos os responsáveis pelo Curso de Especialização na Cultura Digital, na pessoa do Coordenador Prof. Dr. Henrique César da Silva, que provaram empenho e dedicação para a continuidade dos nossos estudos. Ressalto a importância de agradecer aos professores (as) e tutores (as) na pessoa da Profa. Patrícia Barbosa Pereira, que foram a mola propulsora para que não se desistisse e se acreditasse na continuidade de um crescimento pessoal e profissional com a feitura dessa especialização.

E finalmente, meu imenso agradecimento e admiração à Profa. Paula Balbis Garcia que, com sua postura ética, profissional, mas principalmente, com sua forma gentil e amorosa de orientar, mostrou-me caminhos a serem percorridos, ampliando minha visão de mundo e meu conhecimento. Seu amor pelo que faz tocou-me e, com seu jeito direto mas muito humano de trabalhar, fez com que eu percebesse que a educação é sim o meio possível de melhorarmos nossa sociedade. Seu exemplo como educadora será sempre guardado e lembrado por mim.

A Construção

*Eles ergueram a Torre de Babel
Para escalar o Céu,
Mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
Ajudando a construir a torre.*

Mário Quintana, 1985

RESUMO

A Cultura Digital, o avanço tecnológico e o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Língua Estrangeira são fatores discutidos neste trabalho. A vinculação do uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e o contexto da sala de aula são itens fundamentais para a análise sobre a aquisição de conhecimento nos dias atuais. Aliar TDIC e trabalhos com os educandos traz à reflexão sobre a inclusão das Escolas Públicas e de seus procedimentos educacionais na Cultura Digital. Esta monografia apresentada para a conclusão do Curso de Especialização na Cultura Digital objetiva identificar a inserção desta no cotidiano escolar, em atividade de elaboração de texto em Inglês – receita culinária - com o uso das TDIC como recurso para aquisição de conhecimento nas aulas Língua Estrangeira. Considerando a tecnologia como meio de ampliação de conhecimentos, partiu-se de análises conceituais chegando ao estudo de caso específico realizado pela professora em aula regular com alunos das 3^{as}. Séries do Ensino Médio, demonstrando como a elaboração de texto em uma segunda língua pode ampliar o processo ensino-aprendizagem, aliando a tradução ao uso de tecnologias.

Palavras Chave: Cultura Digital, Ensino de Língua Estrangeira, Tecnologias Digitais, Aquisição do Conhecimento.

ABSTRACT

The process of teaching and learning in foreign language classes, the Digital Culture and the technological advances are aspects discussed in this paper. Nowadays the analysis of knowledge acquisition needs to link the Digital Technologies (TDIC) and the classroom context. We can reflect about the inclusion of public schools and their educational programs in Digital Culture, combining digital technologies and the effective teacher's work in classroom. This paper, presented for the conclusion of the Specialization Course in Digital Culture, aim to identify the incorporation of the educational process, with the use of Digital Technologies in the Digital Culture, using as examples video recipes created in English by Brazilian Students in a regular English Class as a Foreign Language. Considering technology as a way of expanding knowledge, conceptual analysis were made for reaching the specific case study conducted by the teacher in regular classes with students from the High School 3rd grades, demonstrating how the development of a text in a second language can enlarge the teaching-learning process, joining the translation and the use of technologies.

Keywords: Digital Culture, Foreign Language Teaching, Digital Technologies, and Knowledge Acquisition.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivo geral	11
1.2 Objetivos Específicos	11
2 AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO NA CULTURA DIGITAL.....	11
3 O USO DAS TDIC NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	15
3.1 Gêneros do Discurso e Construção de Textos em Língua Estrangeira aliados ao Uso das TDIC	17
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	21
5.1 Atividade realizada na aula da Língua Estrangeira – Inglês	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
GLOSSÁRIO	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXO.....	36

1 INTRODUÇÃO

A Cultura Digital permeia a realidade escolar até porque vive-se a disseminação diária de aparatos tecnológicos. Com o uso da tecnologia, o homem vive algo inimaginável décadas atrás: o rompimento de barreiras virtuais e o incremento da comunicação em nível mundial. É nesse contexto que o presente trabalho procura vincular a sala de aula ao uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), como meio indispensável de ampliação de conhecimentos.

Num mundo ambientado em um constante processo de incremento comunicativo, a interação interpessoal e os meios de se obter informações evoluem de acordo com a própria evolução tecnológica e social. A busca por conhecimento qualitativo avança de acordo com as necessidades pessoais. Há atualmente diversos dispositivos como *smartphones*, *tablets*, rádio, televisão e internet que estreitam não só os relacionamentos, como também a busca constante por informações.

A discussão sobre a forma e o canal de se utilizar tudo o que é disseminado através da comunicação global, incrementada certamente com o uso da Internet, chegou às escolas e às salas de aula. No entanto, é visível que os processos educacionais atuais, principalmente falando genericamente de Escolas Públicas, não acompanham a Cultura Digital distanciando-se da realidade dos educandos e da vida social.

Ao tratar especificamente das aulas de Línguas Estrangeiras (LE), verifica-se que muito já foi feito, no entanto, há que se destacar que é imperiosa a utilização das TDIC em classe. Uma análise sobre a utilização de recursos digitais nas aulas de LE e a influência da Cultura Digital será feita pois, acredita-se que é no dia-a-dia do professor e do aluno que se faz a aquisição do conhecimento como meio de integrar e interagir na sociedade atual.

Todavia, para fins de estudo, tem-se a elaboração de textos em uma segunda língua e o uso constante da Tradução Automática, utilizada em larga escala nas salas de aula de Escolas Públicas em classes de Língua Estrangeira, através de aplicativos e de sítios da internet como o *Google Tradutor*.

Partindo-se desse pressuposto, indaga-se: Como a elaboração de texto em uma segunda língua pode ampliar o processo ensino-aprendizagem, aliando a tradução ao uso de tecnologias diárias que apresentam-se fundamentais para o cotidiano social?

1.1 Objetivo geral

Identificar a inserção da Cultura Digital no cotidiano escolar, em atividade de elaboração de texto em Inglês com o uso das TDIC como recurso para aquisição de conhecimento nas aulas de Língua Estrangeira.

1.2 Objetivos Específicos

- a. Verificar a importância do uso das TDIC no ensino de Língua Estrangeira (LE) nas aulas das 3^{as}. Séries do Ensino Médio da Escola Estadual Básica Irmã Maria Tereza;
- b. Averiguar a utilização de recurso tecnológico, como o *Google Tradutor*, na confecção de textos em Língua Inglesa, tendo como base a Língua Materna;
- c. Apresentar caso específico de atividade realizada com o uso das TDIC, destacando a criação de texto em Inglês e a utilização do Google tradutor, enfatizando o processo ensino-aprendizagem.

2 AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO NA CULTURA DIGITAL

A forma como se adquire conhecimento vem sendo modificada nas últimas décadas. Isto porque com o avanço tecnológico o mundo está sofrendo mudanças significativas principalmente na área da comunicação. Através da internet houve o rompimento de barreiras e atualmente, em questão de segundos, uma informação pode ser compartilhada entre todo o globo. Partindo-se dessa realidade, verifica-se a existência de uma disseminação cultural, que é experimentada pela sociedade e envolve toda essa amplitude de transformações humanas juntamente com o advento tecnológico. A Cultura Digital, objeto de estudos recentes, é inerente a sua existência, às mutações no cotidiano humano.

Muito se discute sobre o que vem a ser efetivamente a Cultura Digital. Entende-se como Cultura, o saber disseminado por uma sociedade, por grupos com interesses afins, constituindo-se em demonstrações do homem e sua marca na história e na vida em comum. Já a Cultura Digital engloba o compartilhamento de conhecimentos às tecnologias, principalmente a informacional, onde o partilhar é comum e a liberdade de fluxos de informações e de criação se dá em um ambiente amplo e global. Para fins deste estudo, vale destacar o que BARATTO e CRESPO (2013, p. 18) comentam sobre assunto:

...se a cultura é um reflexo da ação humana, a cultura se constitui de ação do homem, na sociedade; criando formas, objetos, dando vida e significação a tudo o que o cerca. É essa ação humana que permitiu o surgimento do computador e por conseguinte, o surgimento da cultura digital. E esta passa, em seguida, a fazer parte de vários aspectos da vida humana, na aprendizagem pedagógica, na vida afetiva, na vida profissional, na simbologia da comunicação humana. Desse modo, vimos surgir uma nova estruturação de pensamentos, práticas e conceitos. Cabe ressaltar aqui, que a cultura não se transforma em digital, mas sim, ela busca se adequar ao cenário digital, ao mundo virtual.

A Cultura Digital aparece como um meio de transformação, que é a cultura das redes, do compartilhamento, da criação coletiva, da convergência. São processos vivos de articulação, processos políticos, sociais, que impactam nosso modo de vida, de construção e de formulação. E que encontra no digital não um suporte, mas um modo de elaboração. (BARATTO e CRESPO, 2013, p. 19).

As expressões culturais via meios digitais estão abertas ao público, afirmando a característica de universalidade da informação fazendo com que isso não seja mais exclusivo de poucos. A disseminação da Cultura Digital popularizou e intensificou o processo de distribuição de conhecimento para além dos centros escolares e acadêmicos.

No entanto, observa-se que a escola é uma das instituições sociais mais resistentes a mudanças e a agregações culturais externas. A interdisciplinaridade existente na cultura digital consegue expandir mudanças na relação tecnologia x educação, modificando também a relação professor x aluno. Mas, a escola institucionalizada ainda não atende as demandas externas, mesmo sendo ela parte fundamental de constitucionalização cultural de uma sociedade.

Sob o ponto de vista pedagógico, é eminente na realidade da escola a dificuldade enfrentada na relação aluno x professor, uma vez que a relação hierárquica historicamente constituída entre eles não fundamenta o processo ensino-aprendizagem atual. O trabalho conjunto de aquisição de conhecimento deve permear a dialogia onde o aprendizado acontece tanto entre os educandos quanto entre os mestres. O paradigma de ensino tradicional ainda muito utilizado nas escolas deve dar lugar ao pensar coletivo, ao aprender e produzir em conjunto. E é neste cenário que aparece a Cultura Digital como via atual de ampliação de conhecimentos e conceitos com o uso imperativo das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

É por meio das TDIC, que fornece inúmeros recursos didático-pedagógicos, físicos e virtuais, que tanto o aluno como o professor interagem com diversos conceitos, como objetos "reais" (os computadores, os celulares, os *tablets*), objetos virtuais, representações, esquemas,

fotos, vídeos, produções hipertextuais, linguagem de programação, entre outros, que permitem a esses atores escolares maior interação a fim de mudar o paradigma escolar atual.

No entanto, essa interação, principalmente a que relaciona seres humanos, segundo VALENTE (s/d. p. 1), tem sido substituída por “acesso” à informação, usando para isso recursos tecnológicos – uma forma de camuflar o processo de sub utilização dos recursos. Ainda, para o mesmo autor, o simples fato de comumente navegar na internet tem sido entendido como uma oportunidade de interagir com a informação e, conseqüentemente de construir conhecimento. O autor ainda faz a seguinte indagação: “o fato de o aluno ter acesso à informação que ele encontra na internet é suficiente para ele construir conhecimentos ?”

A facilidade de acesso às informações pode fazer com que as pessoas sejam meros receptores delas, muitas vezes superficiais, o que pode levar à ideia errônea de que o mundo de informação é o próprio conhecimento. No entanto, VALENTE (s/d., p. 2) ressalta:

O **conhecimento** é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da inter-relação entre interpretar e compreender a informação. É o significado que é atribuído e representado na mente de cada indivíduo, com base nas informações advindas do meio em que ele vive. É algo construído por cada um, muito próprio e impossível de ser transmitido – o que é transmitido é a informação que é proveniente desse conhecimento, porém nunca o conhecimento em si.

E é com base nesse autor o qual enfatiza que a informação deve ser acessada e o conhecimento deve ser construído pelo aprendiz, que se pensa em uma ação efetiva do processo ensino-aprendizagem com a utilização das TDIC nas escolas. É na escola que a construção do conhecimento se faz de forma eficaz e motivada. No entanto, criar situações de real aprendizagem revela-se desafiador, a partir do momento que no geral, o ambiente educacional não é estimulante. A utilização das TDIC pode ser um meio fomentador de incentivos à pesquisa, ao conhecimento e ao próprio processo de interação. VALENTE (s/d., p.5) defende que:

É a **interação com pessoas** ou **com objetos, mediados por pessoas**, que permite a assimilação gradativa e crescente do mundo que nos rodeia. Assim, não é qualquer tipo de interação com o mundo que propicia construção de conhecimento.

Dessa forma é imperioso que a escola e seus professores adaptem-se à utilização das TDIC, insiram-se na cultura digital onde o ensinar se concretize como ato mediador e não robotizante pois, o professor não pode ser analógico se o aluno é digital.

Todavia, as escolas também precisam ser melhor equipadas, com tecnologia e com acesso à *internet*, pois nem sempre essa é uma realidade. Para que se possa fazer uso das

TDIC, os alunos precisam estar conectados. O acesso à tecnologia é complicado e enfrenta empecilhos principalmente na área das políticas públicas. Novamente destaca-se a não evolução, agora do próprio sistema educacional. Isto porque há uma trajetória voltada para uso da tecnologia apenas como ferramenta, cujos dispositivos e *softwares* estavam disponíveis nos laboratórios de informática ou em alguns espaços da escola, sendo estes utilizados uma ou duas vezes por semana. Há até pouco tempo, não havia a criação de uma cultura digital na escola e a tecnologia não interferia no currículo. Era um projeto que interessava e empolgava os alunos, um ou outro professor levava o tema ocasionalmente para as aulas.

O advento tecnológico amplia a capacidade de comunicação e deve levar em conta o aumento da possibilidade de aquisição a partir desse cenário. A inovação tecnológica apresenta-se ilimitada e as tecnologias, ditas “móveis” tomaram conta do dia-a-dia, do cotidiano, do trabalho e dos estudos. Quando então se começa a trabalhar com tecnologias móveis – *laptops, tablets, smartphones* – surge a grande mudança de paradigmas: é preciso trabalhar com a convergência, com o que está aí e com o que ainda virá, procurando explorar os benefícios dessa integração de mídias e tecnologias no uso pedagógico. O aluno, enquanto cidadão digital, leva a tecnologia para todos os espaços, dentro e fora da escola, possibilitando a expansão efetiva dos processos de ensino e aprendizagem.

Surge então a discussão sobre como o currículo escolar pode abarcar o avanço tecnológico. Entendendo Currículo como tudo aquilo que o educando apreende para si em sua vida escolar, ou seja, além de "conteúdos disciplinares" (conhecidos também como conteúdos programáticos por fazerem parte de um planejamento "programado") o Currículo compreende outras vivências e assuntos abordados durante sua vida escolar, ele deve estabelecer uma ligação entre os conteúdos e a formação humana integral dos alunos; a formação de um sujeito atuante em sua sociedade e individualmente detentor de conhecimentos. Pode ser até que essa "formação" seja utópica, mas a realidade é que, ao se trabalhar com crianças e adolescentes há sim participação em suas formações.

Desta forma, o estabelecimento entre ciência e realidade deve ser primordial para a base de um currículo escolar sólido. Além de conteúdo ele também explora a práxis e a vida cotidiana. Com isso, esta definição de currículo abrange uma perspectiva ligada à regionalização por tentar ampliar o conceito a partir das práticas e o toque cultural pode estar relacionado à busca da integração da realidade ao espaço escolar – aqui é justamente onde a cultura digital pode ser abarcada ao currículo.

3 O USO DAS TDIC NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Durante muito tempo, e ainda é possível arriscar dizer que atualmente, as tecnologias empregadas em sala de aula de língua estrangeira eram basicamente o quadro (hoje branco) e o antigo toca-fitas - substituído posteriormente pelo *CD Player*. Em alguns momentos utilizava-se a sala de vídeos da escola. Acontece que assim como os idiomas são mutantes e acompanham a evolução social de seus falantes, a Cultura Digital vivida nas últimas décadas fez com que esses artefatos tecnológicos não fossem mais atrativos aos estudantes e não se bastassem.

Vê-se então, a necessidade iminente de integrar as TDIC atuais com o currículo escolar. Ou seja, não se trata de ter as tecnologias como um apêndice ou algo tangencial ao currículo e sim de buscar a integração transversal das competências no domínio das TDIC com o currículo, pois este é o orientador das ações de uso das tecnologias. As características da sociedade atual de instabilidade e mudança, a provisoriedade do conhecimento, as transformações das ciências, as mudanças na organização do trabalho e o surgimento constante de novas profissões indicam que o currículo visto como grade curricular composta de unidades de ensino predefinidas ou conjunto de prescrições não responde aos problemas atuais da educação.

Assim o conhecimento escolar e a Cultura Digital devem propiciar ao aluno a compreensão de seu ambiente cotidiano e promover condições para que o aluno possa desenvolver conhecimentos e habilidades. É primordial que a formação do educando passe por acesso aos conhecimentos sistematizados a fim de que possa desenvolver, por exemplo, a capacidade de conviver com a diversidade cultural, questionar as relações de poder, formar sua identidade e ir além de seu próprio universo.

Desta forma, entende-se que todo processo de mudanças exige tempo e adequação, disponibilidade e querer. É preciso trabalhar o currículo de um modo que este faça sentido para o aluno, que lhe agregue valores na escola e na vida. Mas usar uma lousa digital ao invés de quadro e giz acaba sendo uma ação de transposição de recursos se não houver contextualização tecnológica, ou seja, não ocorrem quaisquer mudanças ou integrações.

É necessário reinventar a abordagem dos conteúdos, não jogar fora o tradicional, mas integrá-lo de maneira diversificada. O entender a tecnologia passa por trabalhar de maneira dinâmica, usar recursos de animação, vídeo, imagem, *podcasts*, narrativas digitais e mediatizar o currículo. A tecnologia não é neutra, pois ela é fruto/resultado de uma atividade humana, bem como o processo de apropriação dessas tecnologias, para além de simples

utilização - também é fruto de uma escolha humana que envolve valores, crenças, e todas as condições sociais e econômicas de quem a escolhe.

As experiências educacionais com uso das TDIC provocam tensões, conflitos e desafios nas salas de aula e nas escolas porque muitas vezes, os alunos têm mais facilidade em usar os recursos tecnológicos do que os professores, eles não têm receios em usar, em errar, mas precisam de orientações para usar esses recursos pedagogicamente e qualitativamente.

Por meio do desenvolvimento de atividades criativas e interessantes, atuais e interdisciplinares, os alunos estabelecem interações entre seu cotidiano, os acontecimentos do mundo e os conhecimentos trabalhados em sala de aula; criam conexões entre o local e o global, tornam permeáveis as fronteiras disciplinares, reconstróem os conteúdos usando as tecnologias.

Mas, ao mesmo tempo que se tem consciência da importância de novas visões, ainda há muitos profissionais que oferecem barreiras como falta de hábito de trabalho colaborativo, ou interdisciplinar. Esses profissionais, por vezes parecem intransponíveis a novos saberes, por estarem cansados ou mesmo desestimulados por uma política educacional que não evolui como deveria.

Em contraponto, estudos como este podem propiciar um novo alento a essa realidade. Há sim professores que não têm aversão à tecnologia e que buscam envolver os educandos em temas atuais e com o intuito de torná-los protagonistas de seu aprendizado, fazendo com que eles busquem sanar suas curiosidades através de pesquisas por atualidades na *internet* e expondo suas procuras em vídeos, *podcasts*, panfletos digitais, *blogs*.

Verifica-se então que a busca por informação não basta, mesmo sendo esta o ato de pesquisar, procurar, investigar e interagir. Ressalta-se aqui a aprendizagem por investigação que consiste em realmente se apropriar do conhecimento, ter noção de onde chegou, de como se está relacionando com aquele conteúdo pesquisado – a aprendizagem por investigação contribuiu no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo.

Neste interim, as questões relativas à tecnologia e ao ensino desempenham um papel fundamental para o futuro da educação. A tecnologia apresentada através de instrumentos computacionais de utilização diária por todos, ainda não está inserida no dia-a-dia escolar. Isto é, o uso de *tablets*, celulares e *notebooks*, por exemplo, em sua maioria serve para entretenimento não para a ampliação e construção de conhecimentos.

O desafio de inserção das TDIC ao currículo e à prática de sala de aula é grande pois conforme cita FERNANDES (2013) convive-se com um *apartheid* digital em função das

diferenças de acessibilidade, de níveis de desigualdade econômica e social. Por outro lado, cada vez mais, as novas gerações utilizam as TDIC em seus cotidiano mas sem ter noção do potencial tecnológico para acessar/construir conhecimentos.

3.1 Gêneros do Discurso e Construção de Textos em Língua Estrangeira aliados ao Uso das TDIC

É imprescindível, quando se estuda melhores formas de ampliar o conhecimento textual e de linguagem dos alunos, em Língua Estrangeira, observar estudos linguísticos e de gênero realizados por BAKHTIN. Em “**Os gêneros do Discurso**” o autor afirma que todos os campos da atividade humana (de caráter multiforme) estão ligados ao uso da linguagem fazendo com que o leitor reflita sobre a própria linguagem e complementa que só há comunicação através de gêneros do discurso.

O uso da língua acontece em forma de enunciados (tanto orais quanto escritos) que são caracterizados como concretos e únicos e acabam por elucubrar condições específicas e finalidades. Cada enunciado é particular mas mesmo assim, cada meio de utilização da língua organiza os tipos relativamente estáveis de enunciados - o que pode acontecer através do conteúdo, do estilo e da construção composicional, que por sua vez estão interligados caracterizando-se tão diversos quanto as formas da atividade humana. Estes são os gêneros do discurso. (BAKHTIN, p. 263)

Há uma grande variedade de gêneros discursivos caracterizando-os heterogêneos, como por exemplo: réplicas do diálogo cotidiano, cartas, comandos militares, textos científicos, documentos oficiais, romances e obras literárias, entre tantos outros. Os gêneros primários aparecem nas condições de comunicação imediata e os secundários surgem nas condições de convívio cultural, sendo mais complexos, desenvolvidos e organizados. Entretanto, a heterogeneidade funcional que fez com que os traços gerais dos gêneros do discurso se tornassem abstratos essencialmente em função da falta de mais estudos a respeito dessa matéria. Mesmo havendo grande diferença entre os gêneros primário e secundário, eles devem ser pesquisados e analisados a fim de se descobrir a natureza dos enunciados. Isto porque a língua integra a vida e o cotidiano através de enunciados concretos (realizados ou realizáveis) e é através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, p. 265)

Assim, entre os enunciados e/ou gêneros discursivos perpassam as histórias tanto da sociedade quanto da linguagem em si. Tudo o que existe em uma língua foi experimentado, foi elaborado através de gêneros e de estilos. A própria linguagem literária foi composta

também por uma linguagem extraliterária. Sabe-se que onde existe estilo, existe gênero, então quando acontece uma modificação do estilo de um gênero para outro, há uma reconstrução e ao mesmo tempo uma renovação do próprio gênero discursivo. Apenas quando se tem uma concepção da natureza do enunciado e das particularidades dos gêneros dos discursos é que se pode, por exemplo, verificar mais profundamente questões gramaticais e lexicais de uma língua.

A construção de textos em LE, para que possa ter a amplitude de aquisição de conhecimento, deve estar embasada na particularidade e multiplicidade de gêneros existentes no cotidiano do educando. A construção de enunciados parte do contexto e acredita-se que somente assim o aluno torna-se participativo. A diversidade substancial de gêneros do discurso é estendida atualmente para o âmbito tecnológico e com isso, reforçando a ideia de BAKHTIN quando diz que os gêneros podem ser mesclados, apresentam características mutáveis, flexíveis e plásticas. Quanto maior a habilidade no uso dos gêneros, mais facilidade existirá ao empregá-los de forma adequada em situações de comunicação.

A vivência em situações comunicativas ampliam a competência linguística do enunciador. Desta forma, a elaboração de textos em uma segunda língua, partindo-se da língua mãe e utilizando recursos tecnológicos caracteriza-se por ser um trabalho amplo e diversificado de estudo de gênero onde considera-se também o uso tecnológico e seus recursos como outros enunciados que favorecem a elaboração do conteúdo aplicado.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho tem o intuito de identificar a inserção da Cultura Digital no cotidiano escolar, em atividade de elaboração de texto em Inglês com o uso das TDIC como recurso para aquisição de conhecimento nas aulas Língua Estrangeira. Para isso é necessário verificar a realidade existente, onde foram coletados elementos que reunidos caracterizaram o tema, sendo utilizado, portanto, o Método Indutivo de pesquisa, que, segundo PASOLD (1999, p.88) significa pesquisar e identificar as partes de um fenômeno e colecioná-las de modo a ter uma percepção ou conclusão geral.

O Método Indutivo, segundo GIL (2008, P. 10), coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. Segundo este autor, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade.

Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles. Por fim, procede-se à generalização, com base na relação verificada entre os fatos ou fenômenos. (GIL, 2008,).

A presente pesquisa ainda pode caracterizar-se como sendo descritiva pois almeja a descrição das características de um fenômeno e ainda estabelece relação entre as variáveis estudadas, que no caso se constituem como sendo a relação entre a produção textual em LE, a utilização das TDIC e a aquisição do conhecimento na Cultura Digital. Por sua vez não se pode deixar de caracterizar o presente estudo como sendo também uma pesquisa bibliográfica pois, seu embasamento se dá a partir de material já elaborado, organizado a partir de livros e artigos científicos pré-existentes.

A partir do momento em que a relação que se quer mostrar com esse estudo possui também embasamento empírico, a presente pesquisa possui também características de Pesquisa experimental e Estudo de Caso. Segundo Gil (2008), uma pesquisa experimental seria:

Essencialmente, o delineamento experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

Por sua vez Gil (2008) destaca as características de um estudo de caso:

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

De acordo com Yin (2005, p. 32), o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

O estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

É importante destacar que a presente pesquisa foi realizada, empiricamente, partindo-se de estudos realizados no PLAC e o local onde o trabalho foi realizado é a Escola de Educação Básica Irmã Maria Tereza, situada na cidade de Palhoça, Estado de Santa Catarina, que possui aproximadamente 1.800 alunos regularmente matriculados no Ensino Médio, não

possuindo estudantes de ensino fundamental. Destaca-se ainda que a autora deste era a docente titular de Língua Estrangeira das turmas com as quais o trabalho foi desenvolvido.

Com base nos estudos metodológicos acima, o presente trabalho foi executado da seguinte forma:

- a) Seleção de turmas de 3^a. Série do Ensino Médio da Escola Irmã Maria Tereza;
- b) Com o intuito de adquirir conhecimento através da utilização das TDIC, selecionou-se o estudo paralelo das unidades 4, 5 e 6 do material didático adotado pela escola, o Livro *Prime 3*, da Editora Macmillan, cujo tema central das três unidades era a alimentação;
- c) O tema alimentação foi selecionado, uma vez que, dentro do conteúdo programático da disciplina, era o assunto que deveria ser desenvolvido. Assim para que não houvesse conflito de assuntos, nem desvios de objetivos curriculares educacionais, a docente optou por incluir ao tema um projeto de ampliação de conhecimentos através das TDIC, conforme o andamento dos estudos do curso de pós-graduação;
- d) Sugeriu-se aos alunos de todas as séries referidas, a elaboração de um projeto bimestral que consistiria na elaboração de um vídeo, como produto final da atividade, onde os alunos iriam apresentar um tutorial de uma receita;
- e) A partir do momento que a ideia inicial foi aceita pelos estudantes, os passos específicos foram desenvolvidos no período de aproximadamente 2 (dois) meses, intercalando-se estudos realizados no livro didático e também estudos para a realização e produção final do vídeo;
- f) Grupos de até 5 (cinco) alunos foram organizados a fim de que o trabalho visasse a coletividade e as capacidades individuais dos educandos. Capacidades essas que iriam desde a elaboração do roteiro (em duas línguas, Língua Materna – LM e Língua Estrangeira –LE) até a edição e narração do vídeo final;
- g) Após contextualização do tema Alimentação, através de textos lidos e estudados em conjunto, foram visualizados vídeos disponíveis no youtube que ensinavam aos visualizadores como elaborar receitas;
- h) Juntamente com os estudos de texto, foram estudados pontos gramaticais destacados para a efetivação da atividade como meio de facilitar a escrita do roteiro do vídeo que os adolescentes deveriam realizar;

- i) O primeiro passo então, após a contextualização, foi a elaboração de um roteiro para o vídeo, em LM, onde o grupo deveria pensar e organizar o que iriam fazer e como elaborariam a atividade em vídeo.
- j) Após a elaboração dos roteiros, os alunos deveriam então escrever o texto a ser falado no vídeo, em língua inglesa. Para tanto, este texto foi elaborado inicialmente em LM para posteriormente ser traduzido em LE. Esta tradução foi realizada através do auxílio principal, mas não único, do *Google Tradutor*.
- k) Com a finalização da primeira versão da tradução dos textos, a professora efetuou a correção do mesmo com cada grupo, explanando as diferenças e a necessidade de se utilizar também um dicionário para o auxílio no trabalho. Além disso, explicações gerais foram realizadas quando se constatou alguns erros comuns cometidos pelos grupos na tradução de suas receitas.
- l) A ênfase se deu, portanto, na produção do texto com o auxílio do *Google tradutor* como recurso.
- m) O trabalho final foi produzido pelos próprios alunos, e no decorrer desse trabalho, alguns deles foram selecionados como objeto de estudo desta monografia.

Ainda, para fins de esclarecimento e desenvolvimento do assunto, foi realizada uma entrevista, no ano de 2016, com alunos também do Ensino Médio, mas da Escola Estadual Básica Anísio Vicente de Freitas, na cidade de Santo Amaro da Imperatriz, onde a autora deste texto trabalha atualmente. Esta entrevista foi baseada nas seguintes perguntas: 1. Você utiliza a *internet* com frequência? E o *Google Tradutor*, é utilizado com frequência? De um total de 110 alunos, 70% (77 alunos) responderam sim aos dois questionamentos feitos, Verifica-se portanto que a utilização tanto da *internet* como do *Google Tradutor* é uma realidade no cotidiano pessoal e educacional do estudantes.

Assim, com o detalhamento acima, ressalta-se a importância do trabalho de pesquisa bibliográfico e a experiência vivenciada através dos estudos realizados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em pesquisa realizada na Escola Irmã Maria Tereza no ano de 2014, com relação aos recursos tecnológicos, observou-se que a escola possuía 6 aparelhos de som, 4 projetores, 2 lousas digitais, 1 laboratório de informática, 1 auditório e 1 laboratório de ciências com equipamento de som e projeção, conexão à *internet* via rede *Wi-Fi* (apenas para os equipamentos da escola e para os professores). Pode-se considerar que a Escola era

‘conectada’ ao mundo digital também por possuir *blog* próprio, página de relacionamento no *Facebook* e constante comunicação via *e-mail* entre a escola-professores-alunos. Já, uma pesquisa estatística realizada no ano de 2013 pela própria escola, dados estes constantes do Projeto Político Pedagógico, mostrou que 92% dos alunos e 100% dos professores possuíam computadores e acesso à *internet* em casa. Os resultados da pesquisa indicam, portanto, que todos os integrantes da escola estão conectados e possuem recursos para tal, mesmo aqueles que não possuem *internet* em casa, podem acessar a rede através dos equipamentos disponíveis na instituição. No entanto, na observação do dia-a-dia escolar, muitos se mostram perdidos, quando parecem não saber o que fazer com o advento tecnológico, no intuito de aprimorar e ampliar a aquisição e troca de conhecimento.

Vários professores ainda permanecem com o ensino tradicional, baseado no quadro, caderno e, às vezes, livros didáticos (fala-se às vezes nessa situação porque há aqueles que ainda permanecem com suas aulas e conteúdos de 5, 10 anos atrás e nem o livro didático fornecido pelo Ministério da Educação utilizam). Neste cenário, a estagnação, a falta de mobilização para melhorar a qualidade das aulas através de recursos tecnológicos apareceu como a realidade da escola que, mesmo conectada ainda necessita de fatores motivacionais para a inclusão na Cultura Digital. A ideia de se estabelecer conexões entre as diferentes disciplinas e também de mostrar e conectar professores e alunos indicou que muitos professores também buscaram ampliar a utilização de tecnologias em seus processos de ensino, expandindo pesquisas via *internet*, mobilizando a produção artística e cultural dos educandos.

5.1 Atividade realizada na aula da Língua Estrangeira – Inglês

A fim de que se possa descrever melhor a atividade escolhida a ser narrada, é importante destacar que é a partir do Currículo que os conteúdos escolares são estabelecidos os quais, por sua vez, podem assumir diferentes direcionamentos. Conforme BRUINI (s/d), Alguns educadores acreditam que a organização do conteúdo se constitui numa só unidade, em que teoria e prática se fundem. Ou seja, no fazer gera-se o saber. Outros procuram redefinir os conteúdos a partir de um determinado ponto de vista da classe. E existem aqueles que colocam a sistematização do conhecimento a partir de problemas postos pela prática social.

A atividade apresentada desenvolvida com as 3^{as} séries do Ensino médio da EEB Irmã Maria Tereza no ano de 2014, estava em consonância tanto com o Currículo quanto com o conteúdo sistematizado para a disciplina. O material didático adotado pela escola, o Livro

Prime 3, da Editora Macmillan, apresenta “alimentação” como tema geral em suas unidades 4, 5 e 6. Na unidade 4, cujo título é *Eating Around the World*¹, há o tratamento das diferenças alimentares em culturas diversas, incluindo comparações de textos e de listas de compras de famílias indianas, guatemaltecas, quenianas e brasileiras. Por sua vez, a unidade 5 : *Eating: a pleasure or a pain?*², abordou questões como estilo de alimentação e distúrbios alimentares, complementando com a unidade 6 – *You are what you eat, aren't you?*³ – que envolvia a discussão sobre alimentação saudável. Um tema tão importante e interessante aos alunos como os alimentos não poderia ser trabalhado única e exclusivamente através do material didático, mesmo este sendo de bastante qualidade. Então, entre outras atividades durante o desenvolvimento das aulas, o trabalho apresentado fora planejado.

Ao propor aos alunos a elaboração de um trabalho em grupo, onde os mesmos deveriam confeccionar um vídeo com uma receita, em língua inglesa, a professora abordou vários aspectos do conteúdo, até mesmo ampliando os assuntos abordados nas unidades do livro didático. Verificou-se que houve desenvolvimento, por parte dos educandos, de competências variadas envolvendo principalmente ideias, imagens e nexos (os alunos deveriam, a partir da análise, comparação e conhecimento de vídeos assistidos em sala de aula e propostos pela professora, “criar” um novo vídeo de receita aliando-o às suas condições particulares). A ressignificação do real ocorreu criativamente, ampliando a abordagem dos alunos que experimentaram e vivenciaram o conhecimento – o saber era fator primordial para o bom andamento do projeto. Isto ocorreu na elaboração de um roteiro para o vídeo, bem como na criação do texto a ser apresentado, que deveria ser em inglês – o que fez com que eles criassem e identificassem conteúdos vocabulares e gramaticais a partir de um desafio lançado pela professora, com implicações como o uso de verbos no imperativo, de advérbios e de adjetivos bem como a criação do texto em si mostrou uma perspectiva científica, criativa e produtiva. Assim, inicialmente os alunos deveriam escolher uma receita que pudessem apresentar no vídeo⁴.

Para a atividade, foi solicitado que eles escolhessem uma que considerassem fácil, tanto para fazer quanto para explicar, ou seja, não era necessário utilizar uma receita muito complexa, com muitos ingredientes ou que demorasse muito tempo a ser feita, mas sim

¹ Comer ao redor do mundo. Tradução livre da autora.

² Comer: um prazer ou uma dor? Tradução livre da autora.

³ Você é o que você come, não é? Tradução livre da autora.

⁴ Alguns dos vídeos finais desenvolvidos podem ser assistidos através do link do blog desenvolvido pelo grupo de professoras cursistas: <https://eebimtech.wordpress.com/praticas-pedagogicas/>

receitas que eles mesmos pudessem realizar e até que fizessem parte de seu cotidiano. Após a escolha da receita pelo grupo, eles deveriam escrevê-la em Português e partir também para a transcrição da mesma em Inglês.

Até o momento da produção da receita, os alunos já tinham conhecimento tanto do cronograma do trabalho a ser realizado, como também já haviam assistido a vídeos de receitas na *internet*. O desafio agora era adequar a receita em Língua Inglesa, já que algumas questões gramaticais já tinham sido trabalhadas em outros momentos. Como forma de exemplificar o trabalho realizado, segue uma receita de Brigadeiro (doce tradicional brasileiro) traduzida para o Inglês pelos alunos⁵:

Brigadier

Ingredients:

1 can of condensed milk

1 spoon (soup) margarine

3 tablespoons (soup) of chocolate powder

Preparation:

1 - Place all ingredients in a saucepan and cook over low heat.

2 - Stir until the mix begins to loosen the bottom of the pan and remove from heat.

3 - After cool, roll into small balls and use the confection of your choice.

A partir desse exemplo e analisando os demais trabalhos, pode-se constatar que os alunos, quase que em sua totalidade, utilizaram o *Google Tradutor* como meio mais rápido, mas nem tanto eficaz de traduzir suas receitas. Constatando essa realidade, a professora, em sala de aula, propôs trabalhar o texto coletivamente a partir da tradução feita no *Google*, não excluindo essa ferramenta, mas sim, analisando seus prós e contras, avançando assim, na reflexão sobre o uso das ferramentas automáticas de tradução.

A tradução automática é constante nas aulas de línguas, mas é importante compreender o que vem a ser esse tipo de tradução que mostra-se, atualmente, o recurso mais utilizado por alunos em sala de aula. Verifica-se essa afirmação a partir do cotidiano da sala de aula vivenciado pela professora, como também através de entrevista realizada com 110 alunos do Ensino Médio⁶, onde 70% (77 alunos) afirmam utilizar o *Google* como recurso para suas traduções, tanto em sala de aula, como fora dela. Conforme GARRÃO (s/d, p. 1), “*A Tradução Automática (TA, doravante), por sua vez, é um dos domínios da LC (Linguagem Computacional) que mais envolve conhecimento linguístico, por codificar informações de*

⁵ Esta versão é original e ainda não estava corrigida pela professora. Os alunos a encaminharam via e-mail para que a professora pudesse analisar e corrigir.

⁶ Esta pesquisa foi realizada no mês de maio de 2016, na Escola de Educação Básica Anísio Vicente de Freitas, na cidade de Santo Amaro da Imperatriz-SC, escola atual da autora do texto.

uma língua para outra.” Não há como dissociar o trabalho de pesquisa de vocábulos a essa atividade sem observar o advento das ferramentas tecnológicas utilizadas de forma geral, nos estudos de idiomas. Apesar de se considerar ainda os dicionários como ferramentas essenciais para o auxílio e o desenvolvimento do conhecimento, recursos como o *Google tradutor* apresentam-se com um acesso fácil e com respostas imediatas aos estudantes.

É importante ressaltar os aspectos culturais da tradução. Ao trabalhar a linguagem escrita, independentemente do tipo de texto, o autor traz consigo toda uma gama de determinantes culturais que o formam ou como cidadão ou o caracterizam como autor do texto. Dentro deste aspecto há que se observar inclusive, as escolhas lexicais do tradutor, uma vez que, para que o texto traduzido seja compreendido, ele deve observar os aspectos culturais tanto do idioma para o qual ele está traduzindo, bem como as perspectivas embutidas na língua de origem.

Toda operação tradutória que não se resume a uma mera transcodificação léxico-sintática envolve, em maior ou menor grau um conjunto de componentes culturais. Toda operação tradutória que se imagine resumida a uma mera transcodificação léxico-sintática (como nos sistemas de “tradução automática” ou “tradução automatizada”) gerará, de qualquer modo, textos e discurso lidos e interpretados por seu(s) destinatário(s) como contendo um ou mais componentes culturais a despeito da filtragem que, intencionalmente ou não, tenha sido perpetrada. A correlação tradução cultura constitui, portanto, não um fato secundário, de ocorrência possível, mas não propriamente necessária, não constitui privilégio exclusivo da tradução literária e modalidades assemelhadas mas abarca todos os atos tradutórios, indistintamente, ainda que em graus variados de explicitação. (AUBERT, 1995, p. 31)

Desta forma, o exemplo exposto acima foi trabalhado a partir do contexto da tradução bem como das análises gramaticais estudadas anteriormente com os educandos. Inicialmente, o título do texto mostrou um equivalente lexical não aplicável – isto é, a palavra “*brigadier*” não equivale à palavra “brigadeiro” em Língua Portuguesa, simplesmente porque o referido doce não é de origem dos países falantes da Língua Inglesa. Não houve um estudo específico sobre a origem da palavra mas explicou-se aos alunos que utilizassem a palavra em Português ou que se procurasse outro equivalente que fosse melhor compreendido em Inglês como: “Chocolate Truffle”.

Já, quando se parte para a exposição dos ingredientes, trabalhou-se unidades de medidas explanando entre outras coisas que “*1 spoon (soup) margarine*”, o melhor equivalente seria “*tablespoon*”. Ou seja, a cada incongruência na tradução dos trabalhos, analisou-se questões que seriam interessantes para que os alunos compreendessem que é

necessário haver sentido e concepção de equivalências. Ao final do trabalho, a receita ficou com o seguinte texto:

Brigadeiro

Ingredients:

*1 can of sweetened condensed milk;
1 tablespoon of unsalted butter or margarine;
3 tablespoons of powdered chocolate;
4 tablespoons of jimmies or chocolate sprinkles.*

Preparation:

*1 - Mix all ingredients and place them in a medium pan;
2 - Cook over low heat for about 5 to 7 minutes, stirring constantly;
3 - Cook until mixture thickens enough to coat the bottom of the pan;
4 - Remove the pan from the heat and let it cool completely, but do not put it in a fridge;
5 - Grease your hands with margarine or butter and roll the mixture into small balls;
6 - Then, roll the balls over the chocolate sprinkles.*

Com o intuito de esclarecer o trabalho realizado, segue tabela desenvolvida com alguns detalhes das correções feitas a partir da tradução da receita feita pelos alunos com o uso exclusivo do *Google tradutor*, comparando o texto original ao texto corrigido. Busca-se através dessa atividade mostrar aos educandos a necessidade de se buscar outras formas de implementar seus estudos tanto referentes ao idioma como referentes às culturas e costumes.

Receita elaborada pelos alunos	Receita elaborada com o auxílio da professora	Observações
Brigadier	Brigadeiro	Explicou-se aos alunos que esse doce não é típico dos países falantes do inglês e que essa tradução não era possível, dando-se a opção de manter o nome do doce em Português ou usar um equivalente como <i>Chocolate Truffle</i> .
Ingredients:	***	Equivalente aceito.
<i>1 can of condensed milk</i>	<i>1 can of sweetened condensed milk</i>	Acrescentou-se o termo adjetivado “ <i>sweetened</i> ” por ser um equivalente bastante aceito e ainda especificar a “doçura” do leite condensado.
<i>1 spoon (soup) margarine</i>	<i>1 tablespoon of unsalted butter or margarine;</i>	Neste caso específico, as unidades de medida foram explanadas aos alunos. Além disso o termo “ <i>soup</i> ” entre parênteses pode dar dúvida interpretação, indicando então o prato salgado “sopa” que não faz parte do contexto da receita. Outra indicação importante é a de que, apesar de haver o termo em inglês para margarina, esse item culinário não é muito usado, sendo o mais popular a palavra “ <i>butter</i> ” equivalente de manteiga. Foi necessário também destacar que esse item aparece “com sal” e “sem sal”, sendo que, ao debater o assunto com os alunos, decidiu-se ser mais apropriado acrescentar o termo para incrementar a própria receita.
<i>3 tablespoons (soup) of chocolate powder</i>	<i>3 tablespoons of powdered chocolate;</i>	Neste caso, apenas se retirou o termo “ <i>soup</i> ” como explanado acima.
Preparation:	***	Aceitou-se o termo mas, há ainda outros equivalentes como “ <i>how to make</i> ”, “ <i>mode</i> ”, “ <i>method of preparation</i> ”
***	<i>4 tablespoons of jimmies or chocolate sprinkles.</i>	Em conversa com os alunos, foi sugerido acrescentar aos ingredientes o confeito necessário para a finalização da receita de brigadeiro.
<i>1 - Place all ingredients in a saucepan and cook over low heat.</i>	<i>1 - Mix all ingredients and place them in a medium pan; 2 - Cook over low heat for about 5 to 7 minutes, stirring constantly;</i>	Como a ideia é a de “ensinar” ou “explicar” como se faz um brigadeiro, é importante que os alunos tenham em mente que, mesmo sendo uma receita simples, deve ser mais detalhada a fim de que as pessoas possam compreender melhor o modo de preparo. Por isso falar em misturar ingredientes e também

		separar em outro item o tempo de cozimento e a temperatura, com a dica de mexer constantemente.
2 - Stir until the mix begins to loosen the bottom of the pan and remove from heat.	3 – Cook until mixture thickens enough to coat the bottom of the pan;	Aqui, como no item anterior havia se acrescentado a explanação sobre mexer constantemente, destacou-se que é importante que isso ocorra até que a “massa” do brigadeiro se desgrude do fundo da panela. Como considera-se esse ponto fator chave para um bom brigadeiro, decidiu-se incluir um item para que o leitor tome conhecimento.
3 - After cool, roll into small balls and use the confection of your choice.	4 - Remove the pan from the heat and let it cool completely, but do not put it in a fridge; 5 – Grease your hands with margarine or butter and roll the mixture into small balls; 6 – Then, roll the balls over the chocolate sprinkles.	Neste ponto, o diálogo com os alunos foi sobre como será que eles veriam essa receita se não soubessem fazer um brigadeiro. Ou, como eles se sentiriam ao preparar algo que eles nunca tivessem feito antes. Assim, além de toda a parte de adequação do idioma, a intenção foi de tentar, mesmo em poucas palavras, explicar melhor o processo de finalização para a obtenção do doce tão popular que brasileiros são muito acostumados a fazer em seu cotidiano. Outro fator importante a se considerar, por exemplo, foi o termo “ <i>after cool</i> ”, que os alunos traduziram como “depois de frio”. Não foi encontrado um equivalente para este termo específico até porque, só a palavra “cool” seria suficiente. Na verdade, outros questionamentos surgem, porque a pessoa que fosse fazer o doce, poderia, por exemplo, refrigerar, colocando-o na geladeira. Ainda foi importante mencionar o modo como se fazer as “bolinhas” do brigadeiro, que geralmente é feita com as mãos untadas.

Tabela 1: Elaborada pela autora.

Desta forma, constata-se que confeccionar um material audiovisual implica na realização de ações demonstrando o caráter significativo e funcional da atividade. Os jovens tiveram de confeccionar um vídeo a partir de um planejamento de ações que envolvia diversos fatores como definição e distribuição de atividades das mais variadas desde a escolha da receita até a edição do vídeo. O processo ensino-aprendizagem se deu a partir do momento que os membros dos grupos de estudantes deveriam trabalhar efetivamente em conjunto, tomar decisões e realizar tarefas objetivando o trabalho final, pois seria apresentado para os

colegas de classe e ainda envolvia a avaliação da professora para a disciplina. Ou seja, houve um conjunto de ações ordenadas, planejadas e estruturadas com um objetivo fim.

Certamente que a elaboração da atividade não poderia deixar de considerar conhecimentos prévios dos educandos. No entanto, as relações diárias no ambiente escolar auxiliam na formação do indivíduo e trabalhos como este demonstraram entre outras coisas, o respeito entre os colegas – alguns alunos, por exemplo, não possuíam grandes habilidades na oralidade da língua inglesa e, ao apresentar seus vídeos, os demais colegas respeitavam e auxiliavam em suas dificuldades. A reconstrução do entendimento da atividade como um processo foi estabelecido pelos alunos e valores positivos, envolvendo a construção do conhecimento através de seu trabalho, foram estabelecidos. Aqui, o contexto pedagógico ocorreu nas interações pessoais e sociais.

O foco dessa atividade foi a utilização de meios tecnológicos visando a aquisição de conhecimentos. Os alunos tiveram que utilizar computadores próprios e da escola, bem como ferramentas e aplicativos como gravadores de áudio e vídeo, editores de texto e de vídeo. Sem o uso das TDIC a tarefa não seria realizada. Com isso a otimização de recursos próprios dos alunos como celulares e filmadoras foram utilizados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da experiência vivenciada na Escola de Educação Básica Irmã Maria Tereza, situada na cidade de Palhoça, Santa Catarina, proporcionada através de estudos e sua aplicabilidade na disciplina de Plano de Ação Coletiva (PLAC) deste curso, foi possível, como professora responsável pela tarefa, aprofundar a questão de gênero textual congregado ao uso de TDIC e a realidade dos alunos da 3ª. Série do Ensino Médio daquela instituição. A Cultura Digital permeia nossa sociedade e nossa educação. Incluir tecnologias não é mais novidade, mas quase obrigatoriedade no processo ensino-aprendizagem. No caminho percorrido para a realização desse trabalho, verificou-se o quanto ainda estamos distantes da aquisição do conhecimento através da tecnologia tão amplamente verificado ser possível nos dias atuais.

A atividade realizada com os alunos detalhada aqui, fez com que se repensasse ações pedagógicas práticas feitas em sala de aula. A busca por uma inserção educacional na cultura digital deve ser constante e servir de exemplo para o coletivo escolar que ainda não está

consciente em sua totalidade desse mundo virtual, vendo-o como um meio de ampliar e, porque não dizer, modernizar a busca de conhecimento de todos os envolvidos no processo educacional. E, embora tenha-se considerado que a atividade obteve sucesso, poderia ter envolvido a participação de outros sujeitos escolares que não somente os alunos engajados no projeto. A apresentação de vídeos poderia ter se ampliado a outros alunos e professores ocorrendo um envolvimento maior da comunidade escolar pois muitos dos trabalhos elaborados foram de excelente qualidade e poderiam também ter sido disponibilizados, em sua totalidade, na internet, em um canal do *YouTube* criado para tal, possibilitando assim, a divulgação e o acesso ao material produzido.

Além disso, outro grande entrave ao trabalhar com as TDIC em sala de aula, é justamente o despreparo da escola – algumas vezes não havia conexão com internet, computadores com mal funcionamento, agendas de reservas de equipamentos e/ou auditório mal-gereciadas, bem como um certo desinteresse no processo de desenvolvimento do projeto por parte de coordenação e direção escolar. Percebe-se que o interesse dos pares surge quando do produto final, bem elaborado e desenvolvido pelos alunos – o que se considera uma lástima pois, a cada etapa que era vencida, um pouco mais de conhecimento era agregado aos educandos.

Outro fator importante como item desafiador para o bom desenvolvimento dos trabalhos foi a quantidade de alunos em sala de aula. O trabalho foi realizado com cerca de 9 (nove) turmas de 3^{as}. Séries do Ensino Médio, em que o número de alunos por sala de aula, em média, era de 36 estudantes. Em função disso, infelizmente, alguns trabalhos ficaram a desejar, sem que se conseguisse uma análise mais aprofundada de tradução e de acompanhamento da realização dos vídeos em si. Além disso, apenas 2 (dois) encontros semanais com as turmas, de 45 minutos cada (em que havia a necessidade de se resolver questões de ordem burocrática e pedagógica como realização de atividades avaliativas, chamada, verificação de tarefas, entre outros), também foi um fator limitador de um desenvolvimento e acompanhamento maior dos itens planejados a serem realizados.

Constata-se, portanto que, mesmo vivendo na Cultura Digital, a Educação ainda está deixando a desejar nesse quesito. Isto porque o ambiente escolar ainda não está modernizado a ponto de obter outros fatores impulsionadores do ensino além do modelo ainda considerado tradicional em nossas escolas de Ensino Médio. Há muito a ser feito, no entanto, os primeiros passos já foram dados – como a realização deste curso e a implantação da discussão do modelo de ensino que se vivencia nas escolas.

Através dos estudos e dos projetos realizados, acredita-se que muitos multiplicadores tenham se formado, a fim de que o âmbito escolar onde o jovem brasileiro está inserido comece a se modernizar no sentido de ampliar seus conhecimentos através da leitura do mundo real, da cultura digital, do rompimento de barreiras de comunicação e ampliação da visão de sociedade.

GLOSSÁRIO

Blog: “Segundo Ganhão (2004), o Blog é uma abreviatura simpática que os internautas criaram para o termo inglês "weblog". Trata-se de uma página web atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica. É como uma página de notícias ou um jornal que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. O conteúdo e tema dos blogs abrangem uma infinidade de assuntos que vão desde diários, notícias até assuntos relacionadas a Educação. É um laboratório de escrita criativa e colaborativa on-line cujo objetivo principal é oferecer a comunidade de leitores e escritores trocar experiências e saberes através da interação dos diversos participantes.” (in BITENCOURT, s/d)

Hipertexto: “Lemos (2002) nos apresenta uma possível definição de hipertexto: Os hipertextos, seja online ou offline são informações textuais combinadas com imagens, sons, organizadas de forma a promover uma leitura (ou navegação) não-linear, baseada em indexações e associações de ideias e conceitos, sob a forma de links. Os links funcionam como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações. O hipertexto é uma obra com várias entradas, onde o leitor/navegador escolhe seu percurso pelos links. Lemos (2002, pag. 130 apud Aquino, online)” (in VERDIN, s/d)

Internet : O termo tem origem inglesa, em que *inter* pode ser considerado a abreviação da palavra internacional (que significa internacional) e *net*, que equivale a “rede”, em português. Ou seja é uma “rede internacional” que liga milhares de computadores, através de um protocolo comum, unindo e disseminando as mais variadas informações através do mundo.

Laptop: Computador pessoal, portátil.

Notebook: O mesmo que *laptop*. Termo usado na Língua Portuguesa.

Panfleto Digital: Panfletos são papéis que server para divulgar alguma empresa, marca ou evento. De tamanho pequeno e de fácil manuseio geralmente são entregues diretamente ao público alvo. Quando se fala em panfleto digital, estes não são mais confeccionados em papel, existindo apenas no meio virtual. Seu objetivo ainda é a divulgação mas eles podem aparecer em forma de anúncios ou mesmo serem enviados via *e-mail* ao público alvo.

Podcast: “...é uma forma de transmissão de arquivos multimídia na Internet criado pelos próprios usuários. Nestes arquivos, as pessoas disponibilizam listas e seleções de músicas ou simplesmente falam e expõem suas opiniões sobre os mais diversos assuntos, como política ou o capítulo da novela. Pense no *podcast* como um *blog*, só que ao invés de escrever, as pessoas falam. Podendo ser ouvidos a qualquer hora, os *podcasts* criam uma espécie de radio virtual direcionada para assuntos específicos, ou seja, de acordo com as características de cada ouvinte. Além do mais, esses arquivos podem ser escutados perfeitamente em um player portátil.” (MARTINS, 2008)

Rede wi-fi: “Apesar de o termo Wi-Fi ser uma marca registrada pela Wi-Fi Alliance, a expressão hoje se tornou um sinônimo para a tecnologia IEEE 802.11, que permite a conexão entre diversos dispositivos sem fio. Amplamente utilizado na atualidade, a origem do termo, diferente do que muitos acreditam, não tem um significado específico. A expressão Wi-Fi surgiu como uma alusão à expressão High Fidelity (Hi-Fi), utilizada pela indústria fonográfica na década de 50. Assim, a o termo Wi-Fi nada mais é do que a contração das

palavras Wireless Fidelity, algo que se traduzido não representa muito bem a tecnologia em questão. As redes Wi-Fi funcionam por meio de ondas de rádio. Elas são transmitidas por meio de um adaptador, o chamado “roteador”, que recebe os sinais, decodifica e os emite a partir de uma antena. Para que um computador ou dispositivo tenha acesso a esses sinais, é preciso que ele esteja dentro um determinado raio de ação, conhecido como *hotspot*.” (LANDIN, 2012)

Tablet: Com diversos usos, o *tablet* pode ser considerado um computador de mão, em formato de prancheta, com fina espessura e de fácil manuseio pois possui tela sensível ao toque . Com usos muito parecidos com os do computador, através do tablete pode-se executar diversas tarefas como leituras, visualização de vídeos e filmes e também acessar páginas pessoais e redes sociais.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A.A.; MARTINS, L. M. **Relações entre conteúdos de ensino e processos de pensamento**. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/revista_educacao/arquivos/processos_pensamento.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015

ALMEIDA, M. B.; VALENTE, J. A. **Tecnologias e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011. Capítulo 3. pp. 27-37.

_____. **Núcleo de Base 1 e 2**. Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital – Ministério da Educação, Brasília, 2014.

AUBERT, F. H. **Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden)**. Tradterm, S.I., v.2, p.31-44, dec. 1995. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49913/54030>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p.261-306.

BARATTO, S. S.; CRESPO, L. F. **Cultura Digital ou Cibercultura: Definições e Elementos Constituintes da Cultura Digital, A Relação com Aspectos Históricos e Educacionais**. Rev. Científica Eletrônica UNISEB, Ribeirão Preto, v.1, n.2, p. 16-25, ago/dez.2013.

BÉJOINT, H. **The foreign student's use of monolingual English Dictionaries: a study of language needs and reference skills**. Applied Linguistics, v. II/3, p. 207-222, 1981.

BITENCOURT, J.B. **O que são Blogs?** Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. UFRGS. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BOGAARDS, P. **Dictionnaires pédagogiques et apprentissage du vocabulaire**. *Cahiers de Lexicologie*, v. LIX, n.º. II, 93-167, 1991.

BRUINI, E. C.. **Conteúdos Escolares**. Brasil Escola. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/conteudos-escolares.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

CARVALHO, O. L. S.; BAGNO, M. (orgs.) **Dicionários escolares**. Políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola, 2011.

COWIE, A. P. **The pedagogical / learner's dictionary**. Em: R. R. K. Hartmann (ed.) *Lexicography: Principles and Practice*. London: Academic Press, 1983. p. 135-152.

DELLORS, J. **Os quatro pilares da educação**. Disponível em: <<http://www.profsergio.net/delors-pilares.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

DURÃO, A. B. A. B. (org). **Por uma lexicografia bilíngue contrastiva**. Londrina: UEL, 2009.

FERNANDES, K.. **Os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais em correlação com os eixos temáticos dos pcns**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/os-conteudos-conceituais-procedimentais-e-atitudinais-em-correlacao-com-os-eixos-tematicos-dos-pcns/35902/>>. Acesso em: 02 dez. 2014.

GARRÃO, M. U. **Tradução Automática Ainda Um Enigma Multidisciplinar**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ11_05.htm>. Acesso em: 07 jun. 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

KRIEGER, M. G. **Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

LANDIM, W. **O que é Wi-Fi?** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/wi-fi/197-o-que-e-wi-fi-.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

MARTINS, E. **O que é Podcast?** Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/1252-o-que-e-podcast-.htm>>. 2008. Acesso em: 21 jun. 2016.

PASOLD, C. L. **Prática da Pesquisa Jurídica**. Florianópolis: Editora da OAB, 1999. 186 p.

PORTO DA PENA, J A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

TUMOLO, C. H. S.; et al. Projeto Famílias modernas. In: **Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital: Aprendizagem de Língua Estrangeira e TDIC**. Brasília, DF: MEC, 2014.

UMDEMO. **Revista do Projeto Pedagógico**. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/RevistaPP_01_11PlanodeEnsino.htm>. Acesso em: 01 dez. 2014.

REZENDE, F. **As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista**. Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 75-98, 2002.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA. **Projeto Político Pedagógico da Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa**. Palhoça, 2013. Disponível em: <<http://www.ebimt.xpg.com.br/projetopoliticopedagogico.html>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

VALENTE, J. A. **Concepções de Aprendizagem**. UNICAMP & PucSP. s/d. Material fornecido no Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital.

VERDIN, R. **O que é Hipertexto?** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-que-e-hipertexto/63870/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

ANEXO

Plano de Ensino

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA IRMÃ MARIA TERESA

Professora: Morgana Aparecida de Matos

Local: Palhoça

Turmas: 301, 302, 303, 304, 305, 308, 309, 310, 311

Semestre: 3º. Semestre/2014

Disciplina Escolar: Língua Estrangeira – Inglês

Planos de Aula

Projeto: Falando sobre Alimentação – Apresentação de Receitas

Duração: aproximadamente 10 aulas de 45 min cada.

OBJETIVO GERAL

Discutir sobre a importância da Alimentação, em seus mais diversos âmbitos, e, de forma reflexiva e crítica, elaborar textos e produzir vídeos de receitas que serão publicados e apresentados às turmas pelos educandos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a. Identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema;
- b. Ampliar os conhecimentos de compreensão oral e escrita;
- c. Empreender integralmente nos estudos as quatro habilidades: compreensão oral (CO), expressão/produção oral (EO), compreensão escrita (CE) e expressão/produção escrita (EE/PE);
- d. Apresentar vídeos já realizados sobre o tema que estejam disponíveis na internet para servirem de base de estudos do gênero.

AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada através de critérios preestabelecidos que farão parte de um processo contínuo de utilização das tecnologias disponíveis em conjunto com as habilidades comunicativas necessárias para que a linguagem seja utilizada de forma adequada no decorrer da realização do projeto. Critérios envolvendo o comprometimento com o projeto bem como o desenvolvimento de textos escritos e da oralidade serão explanados aos alunos como meio de busca de aquisição de conhecimento e finalização da atividade proposta.

METODOLOGIA E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Aula 1 e Aula 2 - Introdução sobre o tema

1a. Semana de agosto

Na unidade 4, do Livro *Prime 3*, com o *Eating Around the World*⁷, há o tratamento das diferenças alimentares em culturas diversas, incluindo comparações de textos e de listas de compras de famílias indianas, guatemaltecas, quenianas e brasileiras.

- a) Realizar uma discussão sobre o tema e fazer a leitura do texto indicado;
- b) Debater valores de alimentos e verificar os valores de alimentos indicados no livro. Incitar os alunos a refletir sobre os hábitos alimentares e de custos compra, conversando sobre suas realidades alimentares cotidianas.
- c) A partir disso, trabalhar o léxico e a compreensão escrita através de exercícios propostos no próprio livro.
- d) Finalmente, explicar o início do projeto que se quer desenvolver e verificar a viabilidade e a aceitação dos estudantes para a ideia proposta.

Aula 3 e Aula 4 - Continuação do debate sobre o tema, estudo de vocabulário e explanação detalhada do trabalho que será realizado.

2a. Semana de agosto

Partindo-se do texto estudado, continuar debatendo sobre as diversas formas de alimentos ao redor do mundo, incluindo no debate a realidade dos lares dos alunos.

Depois de um estudo de compreensão mais detalhado, é o momento de destacar algumas palavras do texto e trabalhar com os estudantes *Word Groups* - palavras que tenham haver com o tema e que fazem parte de seu vocabulário, e *Word Formation* – formação de algumas palavras do grupo sobre o qual se fala. Considera-se o estudo das palavras neste momento muito importante pois ambienta o aluno no assunto que se está tratando e consolida o aprendizado em língua estrangeira.

A partir de então apresenta-se os critérios de avaliação, o calendário e o formato do que se pretende realizar com esse projeto, conforme segue:

- Trabalho em Grupo – Apresentação de Receitas Cotidianas;
- Equipes de no máximo 5 componentes (podendo ser feita exceção para grupos de até 6 pessoas);
- Confeccionar um vídeo-receita de no máximo 5 minutos (explicando que 5 minutos de vídeo é bastante considerável, ou seja, muitos elementos são necessários para um bom vídeo)
- A turma deverá criar uma página ou canal em rede social para a divulgação dos vídeos;
- Efetuar leituras extras sobre o temas e assistir a vídeos na internet;
- A partir de vídeos pesquisados e assistidos, criar seus próprios vídeos ou como inéditos ou como releituras de vídeos já existentes;
- Não utilizar qualquer marca de produto nem vincular a imagem e nome de empresas ao vídeo – apesar de se considerar que certos ingredientes são vinculados diretamente à marca, mas procurar não fazê-lo;
- O vídeo deverá conter um áudio em Inglês – os alunos deverão ser os próprios narradores;

⁷ Comer ao redor do mundo. Tradução livre da autora.

- O vídeo pode conter imagens de pessoas ou não, os alunos podem usar a criatividade para sua confecção;
- Efetuar a edição do vídeo se for necessário;
- Datas importantes⁸:
 - 04/08 – Elaboração prévia em sala de aula de roteiro;
 - 01/09 – Entrega de roteiro escrito para avaliação, revisão da produção escrita e retorno aos alunos;
 - 15/09 – Apresentação do vídeo.

Aula 5 - Vídeos do *YouTube* e Internet

3a. Semana de agosto

No auditório da escola, assistir com os alunos alguns vídeos disponíveis no *YouTube* e na Internet com o intuito de embasar suas criações e discutir o tema e os próprios vídeos, de forma prática, bem como esclarecer ainda dúvidas a respeito do trabalho.

Há ainda a possibilidade de visualização de algum vídeo que os próprios alunos tenham encontrado na internet como sugestão.

Aula 6 e 7 - Produção textual de roteiros para a confecção dos vídeos

4a. Semana de agosto

Além de continuar os estudos das unidades 5 e 6 do livro didático, alguns momentos serão destinados à elaboração dos textos/ roteiros dos vídeos.

No laboratório de informática, orientar os alunos quanto à elaboração do roteiro para o vídeo.

Eles deverão usar a internet para pesquisar o assunto e o Microsoft Word para a elaboração do texto que será entregue com os detalhes e a ideia principal do que será realizado em seus trabalhos.

Este é o momento de idealização e discussão em grupo, bem como da aplicação de habilidades linguísticas específicas da compreensão escrita.

Orientar os alunos para que entreguem uma versão impressa do roteiro na próxima aula.

Aula 8 - Revisão de roteiro e Estudos Gramaticais

1a. e 2a. Semanas de setembro

A partir dos roteiros entregues pelos estudantes, revisar a linguagem utilizada, efetuado correções, e as explanando para cada grupo.

Além disso essa aula será também utilizada para a revisão dos textos de base e aplicação de atividades envolvendo o estudo gramatical a fim de que os estudantes possam ter maior

⁸ Conforme o andamento dos trabalhos, poderá haver alteração neste calendário.

embasamento em seus trabalhos escolares que serão ainda realizados, bem como para a elaboração do vídeo.

Aula 9 - Apresentação dos Vídeos

3a. Semana de setembro

Nesta aula os alunos irão apresentar os vídeos finalizados.

Será utilizado o Auditório da Escola, e os estudantes poderão trazer seus materiais em pen drives ou mesmo acessar a internet para utilizar e-mails ou redes sociais que contenham a publicação prévia do vídeo.

Os estudantes então, após a apresentação irão realizar debates com a turma a respeito dos trabalhos e em conjunto verificar se há algo ainda a ser ajustado para que os vídeos possam ser publicados na página social da turma.

Criar uma conta coletiva da turma em uma rede social para a publicação dos vídeos.

Aula 10 - Avaliação dos resultados e Ajustes

Neste dia será apresentado o resultado final dos vídeos que tiveram de ser ajustados, conforme aula anterior.

A publicação dos vídeos já finalizados deverão ser realizado até esta aula.

Atividades a serem Desenvolvidas

Segue o descritivo das atividades a serem desenvolvidas como parte integrante deste projeto. Mesmo que elas já tenham sido explanadas, considera-se importante incluí-las aqui como forma de elucidação das referidas tarefas:

- 1. Leituras, estudos e debates sobre o tema:** O tema está sendo abordado no 3º Bimestre. Leituras, debates e discussões sobre alimentos estão sendo realizados em sala de aula. É relevante o estudo prévio uma vez que dá embasamento teórico sobre o assunto e mobiliza os estudantes para a realização da tarefa bem como para a ampliação do seu processo ensino-aprendizagem. Vale ressaltar ainda que muitos fatores linguísticos estão envolvidos como processo de leitura, abordagens gramaticais e lexicais, como também a prática oral e de compreensão.
- 2. Visualizar vídeos na internet já realizados sobre o tema:** A parte inicial para a elaboração do vídeo é verificar alguns que possuam as características parecidas com aquelas que os alunos irão criar. Isto para dar embasamento aos estudantes e também para ampliar o conhecimento sobre o assunto. Esta visualização será feita com toda a sala, no auditório da

escola que possui telão e computador com acesso a internet, bem como projetor. Todos assistirão e debaterão em conjunto os vídeos visualizados. Há a possibilidade também de os alunos mostrarem vídeos que já tenham assistido anteriormente.

3. Criar um roteiro para o vídeo: Nesta etapa os educandos deverão delinear em forma de texto escrito o que irão realizar no vídeo e como irão fazê-lo. É uma das etapas mais importantes por abranger além da criação o desenvolvimento linguístico escrito. Vale ressaltar ainda que este roteiro pode ser escrito nos dois idiomas: Inglês e Português. Isto porque eles podem descrever as atividades e incluir no roteiro as falas que estarão inclusas no texto.

4. Elaboração e filmagem: Esta atividade é muito importante pois é a realização do trabalho em si gerando um resultado final – o vídeo. Os alunos deverão efetuar as filmagens em casa pois estima-se que não haverá tempo hábil para a realização desta atividade no período letivo. É através da filmagem e da criação do vídeo que os alunos terão a possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos até o momento.

5. Edição do vídeo: Assim como a atividade anterior a edição do vídeo deverá ser feita pelos próprios alunos, sem poder utilizar os horários das aulas. No entanto, bastante tempo será dado para que eles possam programar e planejar suas atividades tanto em sala como extra classe. Há que se salientar que não há necessidade de haver uma edição do vídeo dependendo de como os alunos irão roteirizar seus trabalhos. A edição portanto é facultativa.

6. Apresentação: Chegou o momento de então visualizar os trabalhos finalizados. A partir de uma lista de critérios necessários para a realização da tarefa, os vídeos serão apresentados para toda a turma em horário de aula. Será o momento de verificar e avaliar os critérios lançados até então. Será utilizado novamente o auditório da escola para visualizar todos os vídeos criados pelos alunos.

7. Avaliação Final: Esta atividade estará vinculada a um debate que se realizará com os alunos e também aos critérios de avaliação previamente selecionados e divulgados a eles. A partir da avaliação será observado se tudo que foi solicitado foi feito e principalmente se ocorreu aquisição de maior conhecimento por parte dos estudantes.

8. Publicação dos Vídeos: Uma página em rede social deverá ser criada para a postagem dos vídeos da turma, após a avaliação final e de ajustes que porventura devam ser feitos.